

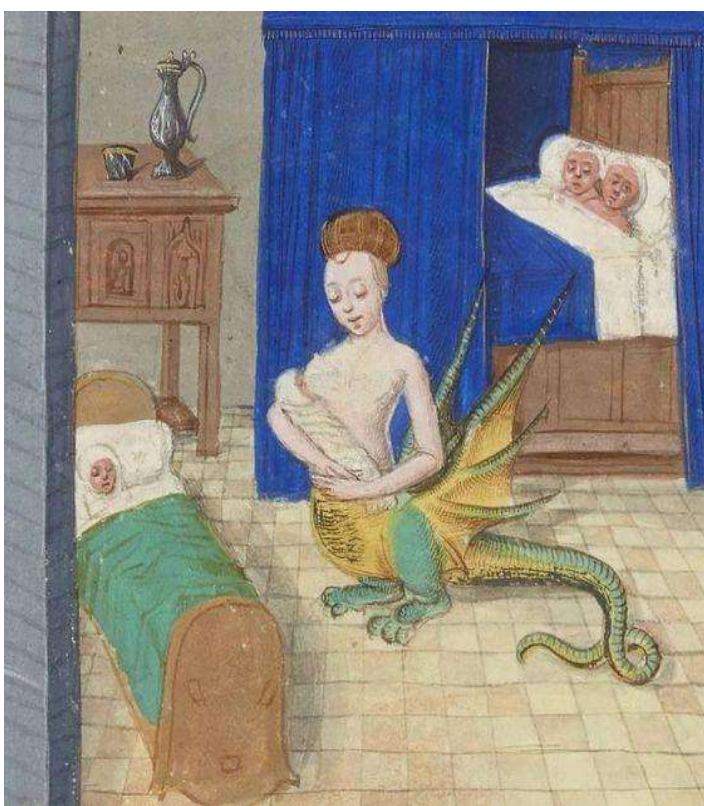
FADAS, ANJOS E DRAGÕES NAS HISTÓRIAS DA ESPANHA MEDIEVAL

Rodrigo Prates de Andrade

Hoje em dia em séries, livros e jogos nos deparamos com elfos, dragões, gigantes e anões. Criaturas que são ficcionais aos nossos olhos mas que durante boa parte do período que chamamos de Idade Média andaram lado a lado de personagens reais como reis e nobres. Caso de duas narrativas portuguesas do baixo-medieval, o *Livro de Linhagens* - uma genealogia das principais famílias nobres de Portugal, Galícia e Castela e a *Crónica de 1344*, uma espécie de história geral da Península Ibérica.

Escritos por Pedro Afonso de Barcelos (1287-1354) aproximadamente entre as décadas de 1320 e 1340, o *Livro de Linhagens* e a *Crónica de 1344* eram representantes de dois gêneros narrativos tipicamente medievais: as genealogias e as crônicas. No caso das crônicas elas se constituíam como textos que, nos dias atuais, seriam similares ao que entendemos como livros de história. Já as genealogias eram baseadas em espécies de listas que mostravam tanto o surgimento dos ancestrais de uma linhagem quanto os desdobramentos de seus descendentes.

No período medieval essas obras voltadas à produção e representação do passado se caracterizavam por duas funções: 1) para não esquecer; 2) para ensinar. Assim a ideia que sustentava esses textos, de um modo geral, era para que homens e mulheres não esquecessem os feitos realizados no passado, fosse ele um passado longínquo ou um passado recente e para que as pessoas tanto do presente quanto do futuro pudessem aprender com esse passado. No entanto, o que significa lidar com esse tipo de documentação? Inquirir essas crônicas e genealogias além de nos auxiliarem na compreensão dos modos conduta e hábitos



Iluminura que busca representar Melusina, uma fada francesa que, tal qual a Dama Pé-de-Cabra seria um representante dessa fluidez entre o “ficcional” e o “real” na historiografia medieval. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b105258709/f63.it> em. Acesso em: 14 dez 2021.

ANDRADE, Rodrigo Prates de. Fadas, anjos e dragões nas histórias da Espanha Medieval. *Cultura e Representação*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

descritos naqueles pergaminhos, elas nos permitem pensar como aquela sociedade se relacionava com o passado, o que ela escolhia lembrar dele e como lembrar dele. Mas antes de nos voltarmos para como a sociedade portuguesa do século XIV se relacionava com o passado, devemos entender quem foi Pedro Afonso, autor das obras aqui analisadas.

Personagem importante na sociedade portuguesa do Trezentos, Pedro Afonso nasceu em 1287, filho bastardo do rei Dom Dinis de Portugal com uma nobre lusitana, Dona Grácia Froes. Ele foi educado na corte régia, algo que era muito comum aos bastardos de sua época que viviam próximos a corte e de seu pai, o que acabou por possibilitar um alto nível educacional para essas figuras, caso de Pedro Afonso. Conde de Barcelos desde 1314, ele se caracterizou por um afincamento pela produção escrita, algo que percebemos não só na *Crónica de 1344* e no *Livro de Linhagens*, mas também na elaboração de algumas cantigas. Se observamos essas obras em conjunto notaremos que elas demonstram um alinhamento entre o desejo pela compilação do passado e a necessidade de legá-lo ao futuro.

Entre as fontes compiladas pelo conde de Barcelos algumas delas seriam, ao nosso olhar, próximas de um caráter ficcional, como as histórias de El Cid e Fernán González. No caso do *Livro de Linhagens* uma de suas histórias que mais nos chama atenção por esse afastamento daquilo que compreendemos enquanto a realidade, é a narrativa dos Lopes de Haro, uma das principais familiares do norte da Península Ibérica: entre seus ancestrais, estava uma donzela com pés de cabra - uma fada. A chamada Dama-Pé-de-Cabra se relacionava com personagens pretensamente reais e se encontrava no sangue de uma das mais importantes linhagens ibéricas.

Outra dessas histórias pode ser encontrada na *Crónica de 1344*, na qual em um conflito entre cristãos e muçulmanos, logo antes da batalha se iniciou, mouros necromantes e a partir de encantamentos invocaram um dragão do inferno que sobrevoou o acampamento cristão cuspidando fogo e amedrontando a tropas cristãs. Em um segundo momento, os cristãos estavam prestes a serem derrotados quando um exército branco de anjos desceu pelos céus liderado pelo próprio Santiago.

Ora, para a historiadora Gabrielle Spiegel seria um erro impormos as fronteiras entre o “real” e o “ficcional” na historiografia medieval, tendo em vista que em boa parte do período medieval essas fronteiras eram mais turvas e, em alguns casos, até inexistentes (1997: xii). Deste modo, é possível perceber que entre o conde de Barcelos e nós há uma distância entre o que pode ser chamado de “real” e “ficcional”. Se fadas, dragões e necromantes ocupam hoje nosso imaginário ficcional, ao incluir essas mesmas figuras e conjugá-las a personagens da história ibérica, Pedro Afonso não fazia de suas histórias menos reais.

Para saber mais

ANDRADE, Rodrigo Prates de. É possível uma história da historiografia medieval? *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 13, n. 33, p. 39-58

SILVEIRA, Aline D. *O Pacto das Fadas na Idade Média Ibérica*. São Paulo: Annablume, 2013

SPIEGEL, Gabrielle. *The past as text: the theory and practice of medieval historiography*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1997

ANDRADE, Rodrigo Prates de. Fadas, anjos e dragões nas histórias da Espanha Medieval. *Cultura e Representação*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

